

EDITORIAL

VOLTAR AO NORMAL

*Camilo Venturi
Beatriz Sancovski
Everson Rach Vargas
Maria Clara de Almeida Carijó
Rafael Mendonça Dias*

A pandemia do COVID-19 é, talvez, o principal acontecimento deste breve século XXI. Se o século XX foi o século da guerra – marcado pelo horror das grandes guerras mundiais e pela guerra fria – o século XXI se revelou o século do vírus. Como todo acontecimento, essa pandemia introduziu em nossa vida individual e coletiva um corte. A qualquer um que se pergunte, a experiência é semelhante: a vida pode ser narrada como um antes e um depois da pandemia. Porém, essa sensação de descontinuidade do fluxo da vida cotidiana, sobretudo em países como o Brasil, não pode ser dissociada de um outro acontecimento não menos traumático, que foi a ascensão ao poder de forças políticas que têm como projeto central o ataque às instituições democráticas. No Brasil, esse bloco de poder veio à tona no final de 2018 a partir de uma aliança entre oligarquias locais, forças armadas, setores ultra-conservadores da sociedade civil, mercado financeiro e a parte atrasada do setor produtivo nacional, com apoio ideológico de uma fração dos chamados formadores de opinião. Todas as esferas da vida social foram profundamente afetadas por esse acontecimento: meio ambiente, costumes, serviços públicos, relações trabalhistas, renda, direitos humanos, produção científica, relações internacionais etc. A associação da ascensão deste bloco de poder com a pandemia do COVID-19 resultou em uma combinação desastrosa de negacionismo científico com neoliberalismo sem freios, fazendo com que o Brasil tenha sido um dos países com a maior mortalidade por Covid-19 no mundo. Todavia, eis que em meio a essa crise profunda, o ano de 2022 representou um lampejo para a volta a um certo estado de normalidade. Na esfera da saúde, o avanço da vacinação arrefeceu as formas graves de desenvolvimento da doença, fazendo com que as pessoas em geral perdessem pouco a pouco o pânico do contágio e voltassem a frequentar sem medo os espaços coletivos. Sobretudo se pensarmos nas universidades

públicas, esse foi o ano da volta ao ensino presencial pleno, do reencontro com a sala de aula e com os laboratórios de pesquisa, da multiplicação das festas e confraternizações, dos abraços adiados por tanto tempo. Na esfera política, 2022 representou o ano da derrota eleitoral do nosso neofascismo tropical. Embora o novo governo ainda não tenha de fato assumido o Estado, a recomposição de forças em marcha já prenuncia a estabilização de outros ares, em que o óbvio voltará a ser óbvio, em que o debate público nacional, com todos os seus problemas, poderá voltar ao normal.

Mas o que significa essa experiência de “voltar ao normal”? O que diferencia esse tal estado de normalidade do seu oposto, em que estávamos imersos? O termo “normal” está longe de ter o seu significado transparente. Pelo contrário, trata-se de uma palavra historicamente carregada de sentidos diversos, muitas vezes obscuros, sobrepostos. O uso deste termo pela psicologia sempre foi problemático, tenso, associado a estratégias de normalização da diversidade. A razão disto é que, embora tenha se disseminado em nosso uso cotidiano, “normal” é antes de tudo um conceito com uma origem muito precisa no campo da medicina, representando o inverso simétrico de patológico. O célebre epistemólogo francês Georges Canguilhem dedicou uma obra seminal ao esclarecimento desse conceito, intitulada *O Normal e o Patológico*¹, que pode nos servir de metáfora para lançarmos luz sobre o que podemos esperar dessa nossa volta ao normal.

A tese de Canguilhem² é dividida em duas partes. Os capítulos iniciais de cada uma dessas partes receberam o seu título em forma de pergunta, qual sejam: 1) “Seria o estado patológico apenas uma modificação quantitativa do estado normal?”; 2) “Existem ciências do normal e do patológico?”. A colocação destes problemas resume o cerne da indagação desse filósofo francês a respeito desses dois conceitos médicos essenciais. Valendo-se do método histórico-recorrente, tão utilizado pelos epistemólogos franceses desse período, Canguilhem vai mostrar que a medicina experimental moderna, que se desenvolveu sobretudo na França do século XIX, se baseou, em primeiro lugar, no princípio fundamental de que o patológico seria uma perturbação da fisiologia normal do organismo. Em segundo lugar, que essa fisiologia poderia ser definida com base em leis regulares, de modo que a passagem do normal para o patológico poderia ser traduzida em

¹ Canguilhem, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1995.

² Para sermos rigorosos, é importante ressaltar que o livro *O normal e o patológico* é composto, na verdade, de duas partes redigidas com pelo menos 20 anos de intervalo. Neste breve ensaio, faremos referência exclusivamente ao texto de 1943, que é fruto da tese de doutorado de Georges Canguilhem, deixando de lado os artigos da década de 1960, que compõem a segunda parte do livro.

puras relações quantitativas, como se ali se observasse o excesso ou a falta de algo.³ Por fim, determinar de modo objetivo as leis de funcionamento da fisiologia humana normal e seus desvios para mais ou para menos equivaleria, para essa mentalidade típica do espírito positivista do século XIX, a fundar uma ciência do normal e do patológico, isto é, a fundar uma medicina genuinamente científica. Neste sentido, como nos mostrou Canguilhem, o conceito de normal foi gestado a partir da imagem de um funcionamento ótimo do organismo humano, que poderia ser definido de modo objetivo *a priori* pela descoberta das leis de funcionamento da fisiologia.

Embora esses princípios tenham fundado a medicina experimental moderna, Canguilhem vai encontrar falhas nesse modo de colocar o problema. Para ele, nem o patológico deveria ser considerado uma mera derivação quantitativa do normal, nem poderiam existir ciências do normal e do patológico em um sentido estrito. Entre a série de argumentos levantados pelo filósofo, o principal é que normal e patológico não podem ser definidos de um modo absolutamente factual ou descritivo, à maneira de uma lei da Física. Para haver estados normais ou patológicos, é necessário, antes de qualquer coisa, postular normas; e uma norma, diferente de uma lei, não pode ser dissociada da experiência de alguém e, sobretudo, do valor que essa experiência carrega. Estar doente é, antes de qualquer coisa, experimentar uma “sensação de vida contrariada”, um limite ao exercício da nossa potência, e valorar isso como algo ruim. Embora não viole nenhuma lei da Física, uma patologia expressa uma experiência indesejável da qual queremos nos ver livres. Essa dimensão valorativa apontada pelo filósofo é incompatível com a concepção de ciência conservada pela medicina experimental moderna. Já o estado normal, por sua vez, não corresponde a algo que possa ser definido previamente com base em um modelo, muito menos a algo que possa ser delineado de modo absolutamente factual a partir das características mais frequentes de uma determinada espécie ou população. Em outras palavras, o indivíduo normal, para Canguilhem, não é aquele adequado a uma norma pré-definida, resultado de um processo de normalização conformista. Pelo contrário, o indivíduo normal é aquele capaz de conservar o que o epistemólogo definiu como “normatividade vital”. Esse conceito refere-se à capacidade que todo ser vivo possui de instaurar normas, preferir ou excluir, manter uma certa relação de plasticidade com a vida, contornar os obstáculos quando o meio nos é infiel, fazer diferente quando o mesmo já não é mais possível. Nos termos de Canguilhem, o indivíduo

³ A esse respeito, os prefixos “hiper” e “hipo”, tão utilizados na medicina geral, são a expressão desta concepção.

normal, portanto, é o *indivíduo normativo* e não o indivíduo adequado a uma norma prévia. Eis o significado profundo da sua noção de saúde associada à noção de normal.

Como essas brilhantes reflexões de Georges Canguilhem poderiam nos inspirar a pensar sobre a volta ao normal prenunciada por esse ano de 2022, que se encerra depois de uma longa crise sem precedentes? Uma primeira inspiração conclusiva é que não faz sentido tentarmos recuperar algum modelo perdido de volta ao normal pré-pandemia. Como vimos, o normal não é algo que possa ser definido factualmente *a priori*, mas expressa antes de tudo uma capacidade inventiva, a expressão da conservação de uma normatividade vital. Neste sentido, não devemos aspirar a que o mundo político e social a que estamos em vias de dar à luz tenha características idênticas àquele de 2018 (ou de 2013 ou de 2014, dependendo do recorte político histórico que se prefira), antes de as nossas instituições democráticas entrarem em vertigem; ou a que o mundo sanitário atual expresse fidedignamente o cenário anterior a março de 2020, onde ainda vigia na vida social uma certa “ingenuidade biológica” a respeito do contágio viral. Não é de uma volta ao mesmo, ao suposto “paraíso perdido”, que se trata quando estamos falando da resolução de uma crise provocada por um adoecimento. Todo adoecimento grave é um acontecimento, representa uma ruptura biográfica, divide inelutavelmente um antes e um depois. Inútil procurar uma volta ao passado. É por isso que o conceito de normal proposto por Canguilhem é sugestivo: voltar ao normal significa ser capaz de inventar novas normas, uma vez que o meio se mostrou infiel e cheio de obstáculos. Voltar ao normal é muito mais um convite ao futuro, a um reequilíbrio inédito com o meio, do que uma volta ao passado. Naturalmente, a pergunta que nos aflige é se estamos à altura desta tarefa: conseguiremos conservar a nossa plasticidade e capacidade inventiva diante dos enormes desafios que estão colocados à nossa frente? Pensando na metáfora proposta por Canguilhem, esse é o critério principal para saber se estamos ainda doentes ou se já estamos sãos. Porque saúde não é ausência de doenças, mas a capacidade que um organismo possui de adoecer e se recuperar, de entrar em crise e encontrar saídas para a expansão da sua vitalidade. Essa será a prova dos nove. Se isso acontecer, teremos voltado ao normal! Nossa aposta com os artigos que compõem esse volume de 2022 é que esse movimento em curso de busca por expansão da vitalidade tenha se espelhado nos manuscritos e em todo o trabalho editorial efetuado. Esse ano também marcou a recomposição quase que por completo da nossa equipe editorial e dos nossos processos de trabalho, colocando desafios enormes. Por tudo isso, mais do que nunca se faz

necessário refletirmos sobre o que significa voltar ao normal. Inspirados por essa reflexão, desejamos uma boa leitura!